

Neurociências, docência e aprendizagem: um diálogo necessário



Marília Oliveira Silva
Psicóloga, Pós-graduanda em Neurociências e Psicanálise Aplicadas à Educação. Consultora pedagógica do SAS Plataforma de Educação

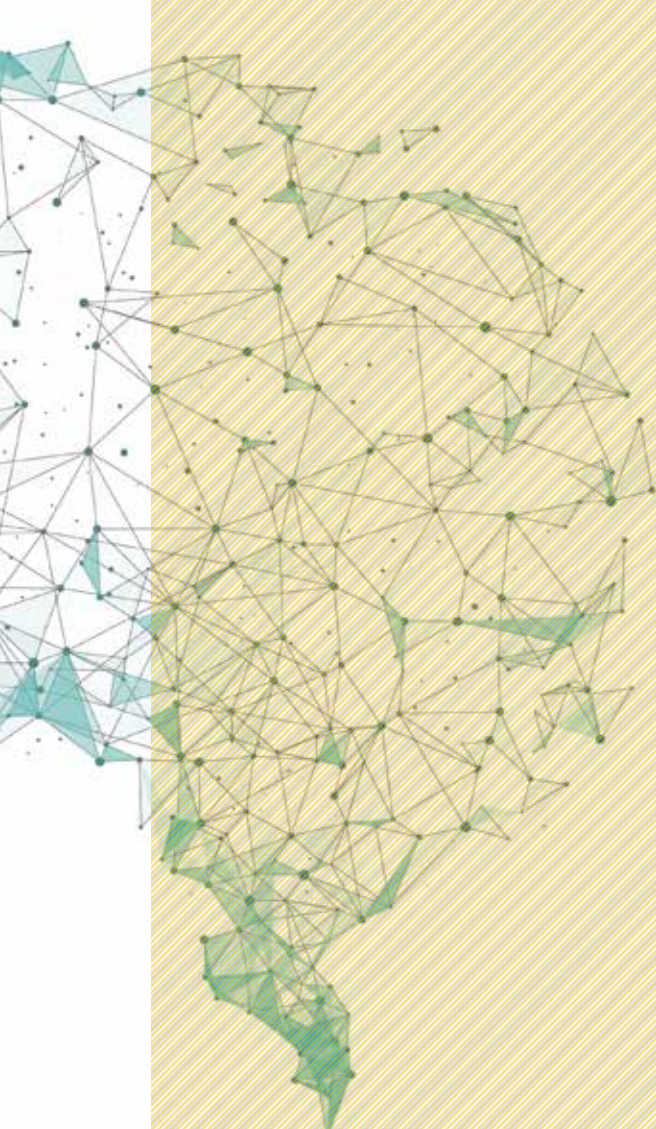
Nunca se falou tanto em formação de professores e sobre o papel da escola como agora. Há diversos autores contemporâneos cujas pesquisas estão voltadas para a formação docente. No entanto, percebe-se que, apesar dos avanços nos estudos científicos, as práticas pedagógicas ainda precisam evoluir e que poucas mudanças de fato significativas foram implantadas nos currículos dos cursos de formação docente.

Como sabemos, já há um bom tempo a formação superior é obrigatória para os docentes no Brasil. No entanto, essa medida não foi suficiente para transformar as práticas pedagógicas.

São muitas as dificuldades encontradas após o término da formação docente e o início de seu exercício em sala de aula. As práticas não refletem as teorias estudadas durante o período acadêmico. Há também algumas carências e defasagens curriculares nos cursos de formação de professores. Isso desencadeia o uso de metodologias e transposições didáticas nem sempre coerentes e assertivas. Tudo é reflexo de uma formação inicial às vezes indevida e uma formação contínua quase inexistente.

A profissão docente é complexa e sofre a interferência de diversos fatores; cercada de paradoxos, ora é carregada de orgulho, ora reveladora de grande insatisfação por parte dos docentes.

Na maioria dos casos, infelizmente, a sala de aula não representa um lugar interessante para os educadores, tampouco para os educandos. Há que se refletir sobre isso e buscar meios para a resolução dos conflitos que surgem nesse percurso. Por isso, a formação do professor também precisa ser feita "em serviço", como afirma Nóvoa. A aula acontece ao vivo; não há edição; não há como sair de cena e retomar o trabalho posteriormente. Sendo assim, é imprescindível que o docente reflita sobre os avanços e as dificuldades da prática no decorrer do seu trabalho. O professor precisa perceber-se e ser percebido não como apenas um executor de tarefas, mas como um profissional reflexivo, produtor de saberes; necessita, sobretudo, ser um pesquisador e um estudioso do seu ofício. Ele é o profissional que lida com as aprendizagens. E, como a aprendizagem é uma atividade cerebral, professores atuam diretamente no cérebro de seus alunos.



ihusishan/Stock.com

A educação visa à construção das competências capazes de gerar mudanças de comportamento. Porém, para isso é necessário criar estratégias que ajam como estímulos para o cérebro. No caso das estratégias pedagógicas, é preciso que tenham significado. Quanto mais estímulos significativos o cérebro recebe, maior é o esforço para se adaptar às novas situações. Cada estímulo novo muda a atividade dos neurônios. Assim, quanto mais adequados forem os estímulos, mais o cérebro se reorganiza para recebê-los e decifrá-los. Portanto, quanto mais diversificados e relevantes forem os recursos utilizados no desenvolvimento das aulas, maiores as chances de mais alunos aprenderem. Aprender significa, então, criar novas conexões no cérebro e transformá-lo. Logo, os processos de ensino e aprendizagem resultam na reorganização cerebral. Por isso, é importante que educadores conheçam seu funcionamento e suas implicações na aprendizagem humana, a fim de aumentar o nível de assertividade em suas intervenções metodológicas em sala de aula.

A partir da década de 1990, houve uma explosão de pesquisas sobre o funcionamento do sistema nervoso central e a aprendizagem. Ele é o responsável pelas interações do homem com o meio, e a aprendizagem ocorre por meio dessas interações. Por isso, é essencial que os educadores saibam o que ocorre em nível cerebral e compreendam as bases neurobiológicas e neuropsicológicas desse processo.

O cérebro aprende por meio de experiências, a partir das necessidades de sobrevivência do indivíduo. Por definição, aprender é adquirir novos comportamentos por meio do processamento de novas informações vindas do ambiente externo ou interno. A aprendizagem organiza e reorganiza a estrutura cerebral, que se modifica para não se extinguir. Portanto, o cérebro que aprende se modifica.

Do ponto de vista neurobiológico, a inteligência é a habilidade para compreender ideias complexas, a capacidade de adaptar-se ao meio, de aprender a partir das experiências, de se engajar na resolução de problemas. Espera-se que, ao longo da vida acadêmica, essas competências sejam construídas, portanto, aprendidas.

Diante disso, a interface entre as neurociências e a educação é possível e necessária. O professor, ator principal desse enredo, necessita cuidar de sua formação permanentemente, ter abertura às mudanças e disposição para assumir sua incompletude.

De acordo com o mestre Paulo Freire, “ninguém começa a ser educador em uma certa terça-feira às quatro horas da tarde. Ninguém nasce educador ou marcado para ser educador. A gente se forma como educador, permanentemente, na prática e na reflexão sobre a prática”. ■

www.portalsas.com.br